

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

TEACHER FORMATION: MEMORIES AND EXPERIENCES IN THE SUBJECTIVITIES PRODUCTION.

Marita Martins Redi¹

Marta Quintanilha Gome^{s2}

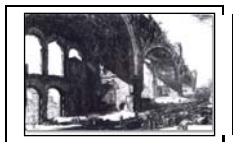
Resumo: O texto apresenta uma pesquisa desenvolvida com alunas do Curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS -São Leopoldo/RS), na atividade acadêmica “Infância e Educação Infantil”, durante dois anos (2006-2007). O foco desta investigação está no resgate de memórias das infâncias das alunas vinculando-as aos sentidos e significados manifestos nas suas práticas como docentes na Educação Infantil. A possibilidade de compreender a pluralidade da infância num tempo e espaço contextualizado vai além dos elementos teóricos pautados pela modernidade e vinculados a uma racionalidade técnica. Outros saberes estão mobilizados nestas representações, que se vinculam também à memória e a imaginação. Considerando a memória como possibilidade de viver e narrar-se, de projetar-se a distâncias impensadas e aparentemente inatingíveis, ou seja, mais do que um processo de apreensão da própria história, das experiências de identidades e subjetividades. As memórias possuem dimensões múltiplas: controle do passado, possibilidade de realizar o contato entre passado revisto e presente, representação e fixação de lembranças vividas. Essas representações se mostram materializadas na produção de um trabalho artesanal, uma “colcha de retalhos”, complementando a análise de fotografias e artefatos sobre os quais as alunas produziram narrativas. A pesquisa aponta para a recorrência da representação das brincadeiras como atributo da infância. Há uma ênfase muito grande em memórias que tem em seu enredo o brincar como referência do ser criança. Constata-se também a presença de um sentimento moderno e romantizado, supervalorizando imagens nostálgicas de um tempo vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Linguagens. Memórias. Formação.

ABSTRACT: This text present a research that has been developed by the student off Pedagogia Course in Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, in the academic activity “Infância e Educação Infantil”, during two years (2006-2007). The point of this investigation is to redemption the student infantile

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da UNISINOS/RS, Professora do Curso de Pedagogia na mesma Instituição.

² Mestre em Educação, Coordenadora Adjunta e Professora do Curso de Pedagogia da UNISINOS/RS.



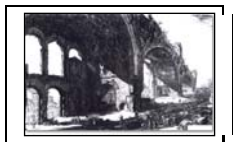
memories, to entail their self for the sense and the signification to manifest your practice as teacher in Infantile Education. The possibility to understand the plurality in the childhood, in the space and in the time contextualized, it is over there the theoretical elements listened by the modernity and linking to a technical rationality. Others know are been mobilization in theses representations that they are linking to the memories and the imagination. Considering the memories as a possibility do live and telling about itself, to project itself in a distances unadvised and apparently unattainable, by all means, more than one processes to apprehension the own history, the experiences of the subjectivities identity. These memories have multiple dimensions: past control, possibility to realize the contact between the past reviewed and the present, the representation and the fixation of the remembrance lived. These representations revealing it materialization in an artesanal work production one “patchwork counterpane”, to complement the analysis off photography and handicraft; about the students are producing yours narratives. The research indicates for another amusements representation as childhood attribute. There are a large emphasis in memories that have in it entanglement the play as a reference to be a child. We can observation to the presence of a modern and romantic sentiment, and the value of the nostalgic images of the lifetime.

KEY-WORDS: Childhood: Language. Memories. Formation.

Permitir-se o novo é inaugurar talvez, um jeito diferente de fazer educação. Bordar, costurar, pregar botões historicamente são consideradas pela nossa cultura como atividades femininas e domésticas. Há poucas décadas, as moças de família aprendiam a bordar seus enxovais e as escolas mantinham no currículo Economia Doméstica ou Educação para o Lar, disciplinas que ensinavam técnicas diversas, entre elas a do bordado, do crochê, do tricô, da pintura em tecidos. Camila, uma das alunas do curso de pedagogia, participa da reinvenção das memórias de infância, trabalhando com imagens, idéias, sentimentos e retrata uma cena, onde a preocupação da mãe era iniciá-la nesse ofício:

Tive a sensação de estar na casa onde nasci, cheguei a sentir emoções já não mais sentidas há tempo. Conversando com as colegas, lembrei-me de minha mãe, quando tentava me ensinar a costurar. Era um fracasso e entre brigas e xingões vinham as risadas. Ela dizia que era preciso saber costurar para ter uma ocupação, não ficar só brincando... Era uma infância com muita dificuldade, mas uma infância feliz. (Camila)

Este relato apresenta uma situação incomum entre o grupo da nova geração. Os tempos mudaram e algumas alunas do curso de Pedagogia deste século, somente ouviram falar ou presenciaram alguma dessas atividades “manuais” por intermédio das avós,



raramente pelas mãos das mães. Estas últimas, já pertenceram à geração das mulheres trabalhadoras que procuram o sustento fora do lar. *“Há, eu lembro que minha mãe saia cedo para trabalhar e quem tomava conta de mim era minha avó”*, relembra Marisa. O lugar que a mulher conquistou e ocupa atualmente, está muito além de ter que aprender uma ocupação especificamente manual ou voltada para o trabalho doméstico. Vivemos numa sociedade complexa, marcada por contradições de diversas ordens. Ao mesmo tempo em que avançamos na profissionalização da mulher constatamos um hiato intergeracional.

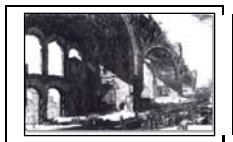
Desta forma, fala por fala, ponto por ponto, vamos traçando com elas, a trajetória da vida, as cenas da infância que persistem no imaginário adulto, permitindo várias reflexões sobre os lugares e os papéis que constituem suas histórias.

Este texto apresenta uma pesquisa que vem sendo realizada no Programa de Aprendizagem *A Infância e a Educação Infantil* integrante do currículo do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/São Leopoldo/RS).

Em 2006, como professoras desta atividade acadêmica, empenhadas em desocultar as representações de infância romantizada, com imagens de crianças puras e inocentes, nos aventuramos, inicialmente, na criação de uma outra metodologia que mobilizasse outras linguagens para registrar e para problematizar as narrativas de infância. Nossa intenção a partir dessas propostas é: (1) poder refletir e analisar a construção social e cultural da infância a partir das memórias, articuladas às experiências dos colegas; (2) discutir e problematizar com aporte teórico a infância como categoria multidimensional, plural, complexa, desmistificando uma naturalização e idealização da mesma; (3) proporcionar a vivência de linguagens silenciadas no âmbito da formação acadêmica.

Ao final de um ano de trabalho o que era uma forma de trabalhar, transforma-se em um projeto de pesquisa. O objetivo desta investigação é compreender os sentimentos de infância presentes no imaginário das alunas, quais as singularidades e as recorrências presentes em distintas narrativas. A pesquisa tem como referência os estudos da história oral; utilizando a memória e a imaginação e as suas interfaces com a cultura e a sociedade.

Qual o papel e a importância da memória nessa aventura de viver e narrar-se, de projetar-se a distâncias impensadas e aparentemente inatingíveis? Para que servem as

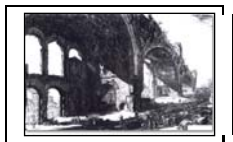


memórias se, atualmente, temos a disposição tecnologias que nos permitem ter acesso a informações, conhecimentos, dados, imagens das mais variadas fontes? Mais do que um processo de apreensão da própria história, “das experiências ao longo das quais se formam identidades e subjetividades” como bem relembra Josso (2004), as memórias possuem dimensões múltiplas. Controle do passado, possibilidade de realizar o contato entre passado revisto e presente, representação e fixação de lembranças vividas, como diz Pinto e Sarmiento (2001, p.295):

A memória afirma-se diferentemente da história pela capacidade de assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado muitas vezes sepultado, sempre isolado do presente pelas muitas transformações, pelos cortes que fragmentam o tempo. Memória como lugar de persistência, de continuidade, de capacidade de viver o já não existente. Projeção do passado no presente, identificação de marcas de uma continuidade pouco notável e certamente não compulsória.

Quando pensamos em bordados nos vêm à lembrança, como nas memórias de algumas de nossas alunas, os riscos prontos, os pontos difíceis e demorados que nos faziam permanecer horas a fio fazendo e desfazendo pontos e nós, para tentar reproduzir o modelo com a máxima perfeição. Sabemos que na história da aprendizagem do desenho, nas escolas brasileiras, esta prática também foi disseminada e, em alguns lugares ainda acontece dessa forma. Luzia, uma das alunas envolvidas neste processo, demonstra que as imagens aprendidas na escola, com sua professora permanecem vivas na sua memória: “... *nunca poderei esquecer os desenhos que aprendi a fazer com a minha profe do pré, Como os passarinhos, o sol e muitas outras coisas que não há pano o suficiente para reproduzir*” (Luzia).

Ainda é comum encontrarmos escolas infantis utilizando moldes, desenhos prontos para colorir, exercícios para preencher com bolinhas de papel crepom amassado, ou com outros elementos. Uma atividade que a princípio pensa-se ser útil para aprendizagem da criança, mas que interfere na formação do seu senso estético, no seu processo de criação e acaba ficando impregnada na sua vida. Não se trata só de aprendizagem de novas técnicas, mas de colocar a criança como produtora, e não mera reprodutora de movimentos e formas de fazer que buscam basicamente a homogeneização do processo sem garantir a singularidade das manifestações. É uma forma de conceber a infância e os processos pertinentes a esta etapa própria da modernidade.



Nessa atividade, com alunas do curso de Pedagogia, das quais nem todas passaram pelo curso de magistério, temos como desafio trabalhar as questões da Infância: Como a infância se constituiu historicamente como categoria social e cultural, quais as características do universo infantil contemporâneo e de como podemos reverter as nossas concepções da infância como um período áureo da vida, com características homogêneas, para infâncias plurais³ contextualizadas num tempo e espaço. Sarmiento(2007), ao se referir a diversidade das concepções de infância no mesmo espaço cultural, salienta:

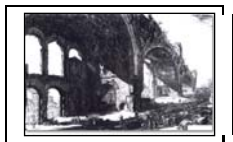
O estudo das concepções da infância deve, por isso, ter em conta os fatores de heterogeneidade que as geram, ainda que nem todas se equivalham, havendo sempre, num contexto espaço-temporal dado, uma (ou, por vezes, mais do que uma) que se torna dominante. O Estudo dessas concepções, sob a forma de imagens sociais da infância, torna-se indispensável para construir uma reflexividade fundante de um olhar não ofuscado pela luz que emana das concepções implícitas e tácitas sobre a infância (p.29).

Nessa perspectiva, embora marcada por paradoxos sociais, econômicos e culturais, a infância ainda pode se constituir num tempo de criação, de produção de sentidos, um tempo/lugar onde culturas infantis circulam e se reproduzem criativamente numa malha de significados. Conceitos que, embora difundidos atualmente, ainda são desconhecidos ou pouco entendidos por uma boa parte das alunas. Ainda paira no imaginário dessas futuras professoras, que a infância pode seguir um manual de desenvolvimento comum para todas as idades e todas as culturas, ou seja, uma infância única para todos e idealizada pela modernidade.

Como ponto de partida identificamos e problematizamos alguns desses conceitos, ou crenças que vem sendo cristalizados no decorrer dos tempos. Partimos de fotografias das alunas. Fotos da sua própria infância⁴ e de narrativas produzidas a partir dessas fotografias. A diversidade de retratos foi se configurando nos relatos. Artefatos como brinquedos, músicas, roupas, ou objetos que ainda restavam dos tempos de criança começaram a aparecer. A cada encontro falas como: - *“Ab, eu encontrei uma boneca que ganbei*

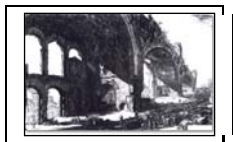
³ MARTINS FILHO, Altino José et al. Infância plural: Crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

⁴ O Trabalho com as narrativas de infância é precedido de uma pesquisa sobre fotos das alunas (os) quando pequenas(os). A partir dessas fotos (ou da falta delas) são tecidos os primeiros relatos à que as imagens remetem.



no meu primeiro aniversário” ou -“Ainda tenho aquela boneca com a qual estou na fotografia, posso trazer?” Assim, elementos que não só no imaginário ainda povoavam aquelas memórias, foram se materializando em brinquedos e brincadeiras, que com saudosismo, ou com resistências, mostravam como a maneira de ser criança de cada uma mantinha uma singularidade, mas que também se tornava difícil separar o que era de uma e de outra época, ou de uma ou outra região. Havia fios que se interligavam, nós que produziam descontinuidades, elementos que apareciam e desapareciam, desenhos que iam sendo traçados a partir de memórias vivificadas. Assim, a memória vai traçando caminhos individuais que se cruzam com o coletivo, lembranças com versões próprias, que podem ser reforçadas ou ressignificadas pela força das memórias elaboradas socialmente.

A proposta tem ocorrido a partir do filme “Colcha de retalhos” (1995), dirigido por Jocelyn Moorhouse, provocando uma nova forma de narrar a própria história compartilhando e problematizando com outras narrativas. No primeiro semestre de desenvolvimento da atividade haviam alguns questionamentos, ou talvez inseguranças, em relação ao que vinha pela frente. Como vamos conduzir o trabalho na sala? Como seremos entendidas, como seremos vistas pelos colegas da academia, uma vez que a Educação Infantil já possui um estigma de realizar atividades diferenciadas, de supostamente valorizar o lúdico em detrimento da profundidade teórica ou mesmo da seriedade que a academia requer? Combinamos que ao invés de um pedaço de papel teríamos como desafio registrar imagens da nossa infância num pedaço de tecido. A utilização dos materiais para compor a cena seria de livre escolha das alunas. As surpresas foram aparecendo e o comentário sobre a confecção da “colcha de retalhos” circulava pelos corredores da universidade. Deparávamos-nos com falas do tipo: “*Eu nunca preguei um botão, ou eu sempre quis aprender a bordar ponto cruz, mas achava muito difícil,*” ou ainda, “*neste fim de semana vou à casa da minha mãe ou da minha avó, pois sei que ela tem muitos retalhos, fitas, botões*”. Junto às descobertas e trocas de experiências em relação aos pontos, recortes, jeitos de costurar, apareceram as marcas da escola primeira. Como se tratava de trabalhar imagens ou representações de infância, os estereótipos concretizados em materiais estavam presentes. Bolinhas de papel crepom amassado, pedaços de isopor, riscos, moldes prontos, ou mesmo materiais mais modernos



como o EVA⁵ e o TNT⁶, surgiram entre os escolhidos. Também nos surpreendeu a profusão de apliques, recursos da indústria de artefatos para artesanato como, bonequinhas, flores, acessórios, ursinhos. Os tempos avançaram e novos produtos e tecnologias surgiram. Costurar tecidos, bordar a mão, já não faz mais parte dos dias de hoje. A cola para tecidos substitui com vantagem horas ocupadas em colocar a agulha num buraco e sair pelo outro deixando um rastro de linha atrás. Quase que imediatamente passamos cola num tecido e o aplicamos sobre o pano sem que precisemos enfiar a linha na agulha inúmeras vezes. Fernanda demonstra sua dificuldade em tentar passar para um pedaço de pano, quase que simplificar algo complexo como a sua infância, e a sua preocupação em utilizar uma técnica mais familiar a ela, ou seja, a pintura. Ela relata o que sentiu:

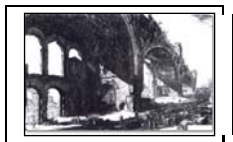
Registrar em um pedaço de pano uma representação da minha infância foi uma tarefa um tanto complicada já que são vários elementos que a simbolizam. Inicialmente tentei caprichar na pintura, porém o trabalho não ficou espontâneo, então deixei de pensar em realizar uma pintura perfeita e sim uma pintura que somente fosse uma representação da minha infância. (Fernanda)

E os pedaços iam se configurando permeados pelas falas e pela satisfação de estar criando algo, que acima de tudo tinha um sentido especial: As infâncias de mulheres professoras, mães e avós, que, em comum estavam diante do desafio de pensar a infância como um conceito criado num tempo e num espaço social e histórico. Os depoimentos surgiam dando ancoragem para a nossa prática. Selecionamos aqui algumas falas significativas que ilustram a dimensão que este trabalho tomou no processo de aprendizagem do grupo.

Procurei descrever na minha parte desta enorme colcha de retalhos, os brinquedos que eu mais gostava. Essa casinha foi meu pai que construiu e ele fez bem alta para que eu pudesse entrar sem bater a cabeça. Eu achava isso maravilhoso, porque eu era pequena e a minha casinha de boneca era grande como a nossa casa. Outros desenhos que eu fiz foi o cavaleiro de madeira (que existe até hoje) no qual adorava me balançar, porque na minha casa não tinha balanço... Aquelas meninas que vinham brincar comigo de casinha, hoje vêm até a minha casa com os namorados para jantar!!! (Luzia)

⁵ EVA. Espécie de emborrachado sintético, flexível e colorido, amplamente utilizado nas escolas para decorara as salas de aula.

⁶ TNT. Pano /papel sintético, fino de custo inferior ao tecido, largamente utilizado na indústria da decoração infantil.



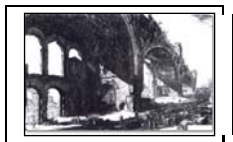
Consideramos de grande importância o resgate da autoria, da capacidade de deixar-se atravessar pelo desafio de criar, ou de permitir que a imaginação assumisse um lugar de evidência no cotidiano da academia. Cleci expressa a importância das memórias que emergiram diante do desafio: *“Logo surgiu a idéia de recriar o lugar onde morava. A dúvida maior era como passar para o retalho. Aos poucos recolhi os materiais e recriei o lugar onde passei os melhores dias de minha infância.”* Já Ângela demonstra uma certa inquietação ao reencontrar sentimentos tão bem guardados: *“Sinto como se estivesse remexendo em um baú muito íntimo guardado a sete chaves com minhas emoções”*.

A construção de imagens, esboços, ensaios, o permitir-se experienciar e explorar outros recursos para dar forma aos sentimentos mais variados foram resgatados das memórias de vida e fizeram parte desse processo artesanal. Nossas experiências de mundo, de vida e de nós mesmos, são mediadas pela cultura, pelas linguagens. Larrosa (2000 p.49) diz que *“cultura é, justamente, um conjunto de esquemas de mediação, um conjunto de formas que delimitam e dão perfis às coisas, às pessoas e, inclusive a nós mesmos”*.

Pedaço por pedaço, os quadros iam se encaixando, formando desenhos que nem sempre conseguiam ser representados da maneira mais fiel. Carmem expressa assim o que constatou: *“Adorei as aulas onde pude ter uma experiência livre, brincar, criar, conversar, me ver em diferentes materiais”*. Isso nos faz crer que imagens e idéias, objetos e sentimentos não estão dissociados no processo de criação. Cátia recorda que quando começou a *“desenhar no pano, o que lembrava da minha infância, me veio à mente cada vez mais coisas que o próprio desenho me lembrava”*.

Neste relato fica aparente o processo da autoprodução e da auto-organização que ocorre em um movimento de recursividade, de retroação, produzido pelas interações. Este movimento de organização ocorre imerso na instrução, na linguagem e na cultura e, *“os produtos são necessários à produção daquilo que os produz”* (MORIN, 2001, p. 82).

Para olhar para esse sujeito estético é necessário dar-se conta da esteticidade dessa sociedade, desbarrancando os antigos padrões de beleza, de harmonia, de linearidade e buscando nos micro espaços, no cotidiano, nas frestas, as possíveis relações de sentido.



No ato criador, sujeito e objeto se fundem, passam a ter novo sentido, misturando, como numa grande paleta de tintas, o dentro com o fora, o objetivo com o subjetivo, fazendo com que a aluna fale que começou a “se ver em diferentes materiais”. Mas o que a fez se ver? A sua história pessoal e intransferível, a possibilidade de experimentar uma maneira diferente da habitual para expressar seus conhecimentos, sentimentos, para “se ver” no que criava, ou a possibilidade de compartilhar sua história de vida? Criar a própria vida em outras bases, constatar que, *“foi algo que realmente me fez pensar de como a minha infância foi divertida”*, foi o que disse Daiane. Isso nos faz resgatar as idéias de Vigotsky sobre a arte como processo que se dá na cultura, na troca, na possibilidade do humano. “A arte é o social em nós” (p.315). Carmem continua: *“Gostei de poder partilhar idéias com as minhas colegas, dividirmos materiais”*.

A proposta de trabalho nesta atividade acadêmica foi se reconfigurando de um semestre para outro. Na primeira proposta, início de 2006, cada aluna realizou seu “quadro num pedaço de tecido”, finalizando com a costura de cada parte compondo uma “colcha”.

Ilustração 1



Algo me marcou, gostava de brincar nas taquareiras de casinha, andar de balanço na figueira nos fundos de casa. A mãe e a mana me ajudaram, fazendo com que eu lembrasse da infância e fui construindo a colcha aos poucos. Enfim, foi uma experiência muito positiva e de grande valia. (Angela)

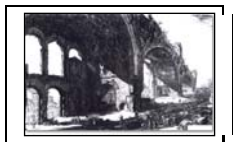


Lembro do jardim de girassóis que eu via pela janela da sala de aula e onde não podia ir. Ficava nos fundos da escola e raramente a professora nos levava até lá. Quando íamos até o jardim era uma festa. Após relembrar está história fiquei sabendo que o jardim de girassóis já não existe mais, no seu lugar hoje tem uma calçada de pedra. Isso é muito triste. (Márcia)



“Lembro que sempre brincava sozinha em baixo de uma mesa”, fala Joseane ao se recordar das marcas de sua infância.

Alguns fragmentos das narrativas realizadas pelas alunas podem nos remeter à importância dessa experiência de reescrever as suas memórias tendo como desafio o compartilhamento com a história de vida dos outros, além da problemática de utilizar outros suportes para constituir uma cena, ou seja, materiais raramente utilizados no espaço escolar. Uma nova linguagem e a escolha de materiais pode criar um abismo entre a ideia e a sua representação, como fica evidenciado na fala da aluna: *“Durante a confecção do trabalho e através dos diálogos recordei-me de quando brincava na árvore e de como era legal, mas ao mesmo tempo eu não gostei do trabalho, acho que não ficou delicado”*. Nas falas a seguir podemos identificar diferentes sentimentos, imagens que compuseram as memórias dessas alunas,



demonstrando a pluralidade das suas infâncias. “A minha infância foi diferente das outras colegas, eu morava em cima da funerária” (Bianca) *ou ainda:*

Gostei muito de começar a bordar meu retalho, porque mais uma vez tive a oportunidade de reviver momentos da minha infância e inclusive, descobrir alguns que estavam adormecidos. Acredito que para realizarmos um bom trabalho com as crianças, é necessário em primeiro lugar nos conhecermos. (Tatiana)

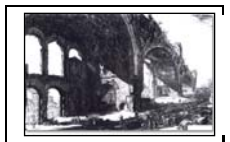
O primeiro sentimento foi a dúvida. O que fazer? Como fazer! Aos poucos as idéias foram surgindo, como vagas lembranças da minha infância. Olhando aquele pequeno tecido parecia impossível colocar tudo aquilo que desejava. Sintetizei as idéias e os sentimentos. Reuni-os em quatro tópicos, que eu julguei como sendo os que mais me marcaram. Relacionei-os com a infância atual e acho que ainda hoje, esses são fatores que podem marcar muito a vida de uma criança... Esta atividade foi difícil, mas ao mesmo tempo foi gostosa; senti prazer em ver o meu retalho pronto. (Ligia)

Voltar ao passado, recordar de muitas coisas que já estavam escondidinhas e relembra-las, é muito gostoso. Quando vasculhamos o passado sempre encontramos algo que nos deixa emocionado, são trechos de nossa vida que não voltam mais. Para eu buscar as memórias, falar da infância é tornar o meu presente mais feliz. (Sonia)

A atividade de confeccionar uma colcha de retalhos é muito interessante, pois faz com que a turma se una cada vez mais. Trocamos experiências, conselhos, todas se ajudaram. Além disso, nos tornamos bordadeiras, pois trabalhamos os nossos gostos, nossos saberes, voltamos a ser criança. (Daiana)

Descobrir momentos que estavam encobertos, “adormecidos”, trabalhar com sentimentos talvez raramente compartilhados, “sintetizar idéias”, trocar experiências e, de certa forma, conhecer-se melhor foram elementos que apareceram forte nas escritas posteriores ao processo de confecção da colcha. Além de relacionar a própria infância com a infância atual contextualizando-a no tempo e espaço, puderam se tornar “bordadeiras” trabalhando gostos, maneiras de fazer, de compor.

No segundo semestre de 2006, houve um redesenho metodológico e partiu-se para a composição de pequenos grupos, que compartilhando suas memórias de infância as representaram num mesmo suporte buscando elementos comuns. Nesta experiência houve a articulação com uma pesquisa sobre o que acontecia no mundo durante a década em que as alunas viveram suas infâncias. A imagem abaixo retrata o resultado a que chegou um dos



grupos que escolheu como temática da sua infância “o quintal da casa dos avós”, elemento recorrente nas narrativas desse grupo.

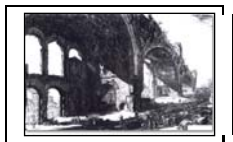
Ilustração 2



No primeiro semestre de 2007, mantendo a idéia do trabalho em grupo e utilizando o tecido e outros materiais tridimensionais, partimos para a elaboração de “um livro diferente”, um livro de pano.

Ilustração 3





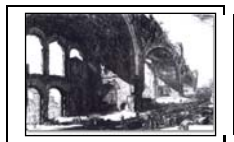
Ainda com a intenção de ilustrar os desdobramentos desse processo trazemos a narrativa de uma aluna sobre a confecção do Livro de Histórias realizado na terceira etapa (2007/1).

Ao longo das aulas de Educação Infantil muitos sentimentos em mim foram despertando, alguns que considerava adormecido foram reaparecendo, um deles foi a alegria. Alegria de poder criar, de me surpreender com as novidades, com as descobertas e com o ensinar. Ensinar o que sabia para as colegas do grupo e aprender coisas novas com cada uma. Tenho refletido sobre a capacidade criativa do ser humano e quanto nós, como professoras reprimimos as iniciativas criativas de nossos educandos.

Para mim confeccionar o livro de histórias foi muito importante, em primeiro lugar destaco como ponto forte a partilha, pois para que a confecção pudesse acontecer foi necessário conhecer a história de cada uma das integrantes do grupo, suas alegrias, seus momentos difíceis, ou seja, fomos construindo laços de amizade e nos revelando aos poucos quem éramos.

Foi preciso exercitar a escuta, acolher e contribuir com sugestões, e neste processo foi de fundamental importância o respeito pela idéia da outra. Éramos um grupo que pensava unido, nenhuma podia decidir sozinha, mas juntas, e para que isso acontecesse foi necessário sentar muitas vezes e sonhar juntas com a construção do nosso livro. (Aline)

Novamente, nesta terceira e quarta edição do resgate das memórias de infância, buscando formas criadoras que possibilitem a apropriação compartilhada de narrar a própria experiência, pudemos constatar a importância dessa atividade rompendo os fazeres repetitivos e muitas vezes sem sentido, realizados no contexto escolar. Para haver uma aproximação entre teoria e prática é necessário deparar-se com formas cristalizadas de ser e de narrar a vida e inventar alternativas. Assim, podemos perceber que o ato de aprender não é um ato acabado, mas muito mais um processo que possui o que consideramos como atravessamentos simbólicos, sentidos, ou o que Larrosa chamou de “saberes da experiência” (2002), o que para o autor deveria ser eminentemente a “experiência estética” (2000, p.53). Esses atravessamentos são simbólicos, pois o mundo não existe fora da cultura, das formas que lhes dão perfis, que mostram paisagens. Por isso Larrosa fala da linguagem como possibilidade de relação com o mundo, relação esta que pode ser fechada, dura, e falsificada, sem mistério, rotineira.

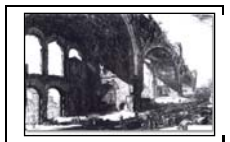


A experiência com a cultura, com a linguagem pode ser estética enquanto possibilidade de rompimento desses bordões, como possibilidade de desprendimento das formas fixas de cultura, abrindo para outras dimensões não pensadas. Isso, ainda é possível e necessário, para manter a idéia de infância como criação. Nesse sentido, a infância não se restringe a um tempo/lugar cronológico, mas a um espaço onde é possível revigorar a criação, nos remetendo a um campo poético do aprendizado, contemplando a imaginação e a ludicidade que a adultez nos capturou.

Podemos constatar alguns agrupamentos recorrentes em torno de algumas categorias. Dividimos em grandes grupos as narrativas dos sujeitos da pesquisa, a saber: objetos e cenas representadas; sentimentos em relação ao passado; percursos e processo de elaboração da colcha; desdobramentos ou compartilhamento da experiência com outros grupos.

Ainda que de forma preliminar, podemos apreender com os dados coletados a partir das narrativas sobre a própria infância, bem como com as narrativas sobre o processo proporcionado com a construção da colcha, que há uma forma dominante de imagem social de criança implícita nas representações escritas, bordadas, pintadas, coladas nesta experiência. Esta forma que se impõe está vinculada a uma infância pura e ingênua. Geralmente este sentimento ocorre vinculado a visão de que esta é a única forma possível de viver a infância, ou seja, se atualmente a criança não vive este tempo da mesma forma como foi vivido, parece não ter infância. No entanto, mesmo com os constrangimentos sofridos pelas crianças em função da forma como o mundo se organiza produzindo situações desastrosas para a infância, sempre há a possibilidade de novas formas de ser criança.

Enfatizamos com a nossa docência/pesquisa que, embora marcada por paradoxos sociais, econômicos culturais, a infância ainda pode se constituir num tempo de criação, de produção de sentidos; um tempo/lugar onde culturas infantis circulam e se reproduzem criativamente. Por isso problematizamos o nosso olhar/entendimento para e com as diferentes formas e tempos de viver a infância como tempo de compartilhamento, ou de isolamento geracional, como tempo de fantasiar, brincar, criar, onde os sentidos do mundo não se deixam pasteurizar. A formação dos professores para atuação com as infâncias



parece ser uma via de intervenção social e cultural importante no desvelamento do processo instituído que hoje se manifesta como insuficiente pra dar conta das questões que emergem na escola.

Referências:

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana** – Danças, piruetas e mascaradas. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, jan./fev./mar./abr. 2002.

MARTINS FILHO, Altino José et al. **Infância plural**: Crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Coords.). **As crianças** – Contextos e identidades. Braga Codex, Portugal: Bezerra, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de.; SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.